0064 - Joanna Lessa Fontes Silva

**Futebóis amadores: uma análise a partir da teoria elisiana**

***Joanna Lessa***

Os estudos sobre o futebol – e sobre os esportes de uma forma geral - começaram a ganhar visibilidade nas ciências humanas e sociais recentemente. Essa pouca importância está diretamente relacionada com a necessidade que a sociologia teve, em início do século XX, para legitimar-se como ciência, de dar ênfase aos temas consolidados no *campo* científico (BOURDIEU, 1990). Assim, é só a partir dos anos 1970 que os estudos esportivos ganham relevo e caráter científico nas ciências humanas – já tendo sido reconhecidos em outras áreas. No Brasil, os esportes concentram seus estudos na área da Educação Física e a partir do final dos anos 1970 é que começam a receber maior atenção das Ciências Sociais.

No caso do futebol, como relembra o recente artigo "Estudos sobre o Futebol no Brasil" (Barreto & Morais, 2008), é possível apontarmos a dissertação de Simoni Lahud Guedes "O futebol Brasileiro: instituição zero", de 1977, como o estudo pioneiro, na área das ciências sociais, voltado para o tema. O artigo evidencia também que a partir dos anos 1980 e mais fortemente dos anos 2000 temos um interesse cada vez maior e um crescimento no número de trabalhos sobre ele.

Porém, como destaca Damo (2003), mesmo com esses avanços ainda prevalece na produção acadêmica uma dificuldade em romper com o "olhar midiático". Nesse sentido, esse autor aponta a existência de um monopólio temático nos estudos, os quais se pautam prioritariamente pela manifestação profissional indo na contramão da prática do futebol que se realiza cotidianamente numa diversidade de figurações sociais, constituindo-se em "futebóis".

Nesse contexto, o trabalho que apresentamos aqui se constitui num esforço inicial - em conjunto com trabalhos como o de GONÇALVES (2002), PIMENTA (2009) e GALLEGO CAMPOS (2009) – de desenvolver estudos que aprofundem a compreensão do futebol amador e sua importância como objeto de investigação da realidade social. Partindo dos modelos explicativos cunhados por Damo (2003) e Gonçalves (2002), este artigo traz

algumas das reflexões da dissertação intitulada “Os Significados do Futebol Amador Recifense a partir de sua interdependência com o futebol profissional”, analisando o Futebol Amador no que diz respeito às suas posições e relações sociais a partir da teoria elisiana.

Nascido das elites e fruto de um processo de difusão complexo, o futebol brasileiro nasce a partir de agentes os mais diversos: marinheiros, técnicos de ferrovias, operários de minas, professores dos estabelecimentos educacionais das colônias inglesas, jovens bacharéis egressos das universidades européias, missionários europeus. Esta diversidade se manifesta na construção histórico-social deste esporte, que em pouco tempo se populariza, tornando-se uma das grandes paixões brasileiras. Ao longo de seu desenvolvimento neste território, o futebol é praticado em diferentes formas, que se consolidarão no cotidiano das cidades, entre elas o que hoje convencionamos de Futebol Amador.

Este futebol caracteriza-se pela sua prática não-profissional, realizada em campos localizados nas ‘várzeas’ e/ou outros espaços disponíveis nas cidades, com uma organização predominantemente local. Seu surgimento está vinculado à profissionalização do futebol e sua permanência na cidade acontece apesar da disputa pelos espaços e da monopolização estética de um futebol profissional e de espetáculo.

Fazendo uma visita pela cidade do Recife encontraremos o futebol amador principalmente nos campos concentrados na periferia, apertados entre os barracos e as casas populares; feitos de areia ou barro, com arquibancadas ou não – que atraem vasta e diversa platéia -, vestiários apertados (quando existem), alambrados emendados e, em alguns casos, iluminação. Apesar de reduzido diante de seu passado e de os campos deixarem de se localizar nos espaços centrais da cidade, o futebol amador continua a existir principalmente nas áreas onde reside a população mais pobre e que acaba tendo nele uma de suas poucas práticas de lazer.

Neste sentido, muito mais do que o “oposto ao profissional”, nosso trabalho se baseia na sociologia figuracional para demonstrar a diversidade que marca este futebol e as características que o mantém no cotidiano da cidade, a partir do exemplo de Recife.

A idéia central do conceito de *figuração social* está no seu aspecto relacional em que transparece as múltiplas relações existentes entre os indivíduos, de forma interdependente. Mantendo o movimento próprio da dinâmica social – já que a idéia de figuração denota uma formação em contínua mudança – Elias pretende nos mostrar como a idéia de indivíduos (indivíduo no plural) está interligada com a idéia de sociedade (ELIAS, 1994; 2005).

Como um conceito bastante elástico, ele alcança os vários tipos de relações possíveis (seja de união, seja de oposição) e pode ser aplicado para os mais diversos grupos sociais. Desde um grupo de quatro pessoas jogando cartas até uma nação inteira que abriga milhões de indivíduos. Formadas apenas por indivíduos (por isso sociais), as figurações sociais são flexíveis à noção de tempo. Em permanente movimento, as figurações sociais podem durar mais ou menos de acordo com sua consolidação na realidade social (ELIAS, 2006).

Considerando o Futebol Amador como uma figuração social, e com isso, diversa e dinâmica, este trabalho demonstra como uma forma específica de praticar o futebol (destacando aqui não só a realização do jogo, mas as várias relações necessárias para um determinado tipo de prática), que chamamos aqui como um dos possíveis futebóis amadores existentes, se consolidou na cidade do Recife. De outra parte, retoma as reflexões das matrizes futebolísticas de Damo (2003; 2007) e os jogos abertos e fechados de Gonçalves (2002), para propor uma reflexão sobre o futebol brasileiro a partir da consideração do amadorismo e do profissionalismo como sentidos da prática futebolística. Aqui, tomamos este par conceitual como pontos extremos de uma escala de predominância de características da organização social dos grupos. Assim, em ambas tanto o prazer do jogo, como a procura por chegar o mais próximo de um modelo organizativo coexistem.

Longe de querer definir o futebol amador de maneira simples, este trabalho pretende demonstrar sua diversidade, sua heterogeneidade no contexto social, a partir das inúmeras figurações que coexistem sob o nome de futebol amador e de uma análise de sua posição quando pensamos o futebol de forma geral.

0064 - Joanna Lessa Fontes Silva

***Do Futebol aos "futebóis"***

Observando a prática do futebol encontraremos uma diversidade de práticas nos dias atuais. Como nos alerta Damo (2003), não devemos nos restringir à existência de um futebol, e sim admitirmos a existência de "futebóis". Buscando apreender essa diversidade de maneiras de praticar o futebol, o autor desenvolve a idéia de matrizes, apontando a existência de quatro tipos principais: escolar – vinculada à instituição Escola, bricolada – que de organiza de maneira efêmera, espetacularizada ou profissional – que segue as regras institucionalizados desta modalidade esportiva e comunitária, que detalhamos a seguir.

Segundo Damo(2007), a matriz comunitária é caracterizada pela "*presença de quase todos os componentes do espetáculo, mas diferindo em escala. A divisão social do trabalho não é nula, mas é precária" (p.45).* O autor define esta matriz como um futebol intermediário entre o espetacularizado e o bricolado. Usualmente, esta matriz pode ser chamada pelo nome abrangente de "futebol amador", por não possuir a característica destacada anteriormente da relação de trabalho institucionalizada. A opção diferenciada que o autor emprega justifica-se pelas outras matrizes que também podem ser consideradas amadoras, tendo em vista que nelas também não se estabelecem necessariamente relações formais de trabalho. Por outro lado, é importante percebermos que o termo comunitário destaca um território específico da cidade onde geralmente encontraremos este futebol: as comunidades. Assim, a matriz comunitária abrange um conjunto de *figurações sociais* do futebol que tem uma história própria – que se propaga de forma oral, documental e iconográfica - ocupa territórios específicos na cidade – em geral, as comunidades da periferia - e é construída por diferentes grupos que se agrupam em torno do futebol pelos mais diferentes motivos e de forma organizada.

É nesta matriz que os "jogos fechados" descritos por Gonçalves (2002) podem ser situados. Segundo a autora:

> Nos jogos "fechados" os times já se encontram formados anteriormente, tendo inclusive um nome. Existe uma pessoa responsável pelo time, conhecida popularmente como "dono do time", geralmente um ex-jogador, um aficionado por futebol. Pode ainda figurar como "dono do time", jogadores, embora não seja muito comum este caso, pois comumente o "dono do time" não joga. Ele é a pessoa responsável por agendar os jogos com outros times, comunicar a seus

> jogadores os horários e dias de jogo, buscar patrocínios, distribuir e recolher o uniforme do jogo, providenciar água durante a partida, entre outros encargos. (p.45)

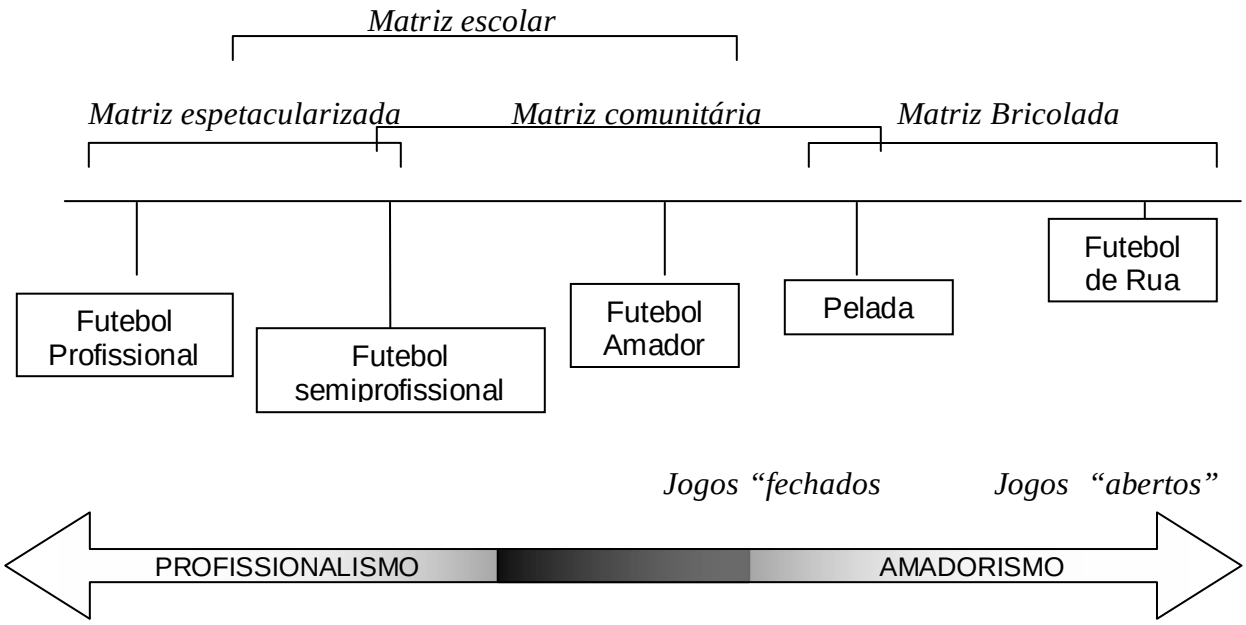
Os conceitos de jogos "abertos" e "fechados" são interessantes por demonstrarem a diversidade de práticas que estão agrupadas sob o título de futebol amador. Com o devido cuidado de não generalizar características que são eminentemente locais, as descrições realizadas apontam direcionamentos diferenciados para a prática futebolística: um no sentido de uma prática liberta dos padrões estabelecidos pela FIFA, onde impera o prazer do jogo – ou a busca de excitação, segundo a teoria elisiana; outro no sentido de ir ao encontro a estes padrões institucionalizados, que serão mais ou menos alcançados de acordo com a mediação de fatores como: condições materiais, disponibilidade do grupo, teia de relações, entre outros.

***Uma proposta de análise dos futebóis***

A partir do que vimos até aqui, propomos dois níveis de análise para pensar o futebol: um que enfatiza o sentido em que se direcionam as práticas futebolísticas (que como se construíram historicamente e se alternam em termos de predominância no processo de esportivização (ELIAS & DUNNING, 1985). Aqui, amadorismo e profissionalismo são sentidos aos quais se direcionam as práticas futebolísticas, considerados como pontos extremos de uma escala de predominância de características da organização social dos grupos. Assim, nas várias *figurações sociais*, tanto o prazer do jogo como a procura por chegar o mais próximo de um modelo, coexistem. O outro nível de análise procura perceber o fenômeno na sua globalidade, considerando as relações e características das práticas e agrupando-as segundo as principais *figurações sociais* futebolísticas consolidadas na realidade social.

Buscando agrupar estes dois níveis, imaginamos uma escala que tem como seus extremos o futebol profissional e o futebol de rua, e entre os quais se distribuem as demais formas de práticas futebolísticas. Ilustrativamente teríamos o seguinte:

**Ilustração 1 -** Escala do sentido dos futebóis




Fonte: Elaborado pela autora deste trabalho

Na ilustração, o profissionalismo e o amadorismo são sentidos possíveis para as práticas, predominantes em algumas delas e que se fundem de forma a termos algumas destas práticas nas fronteiras fluidas entre um e outro sentido. As matrizes futebolísticas constituem espaços sociais abrangentes que abarcam algumas figurações, estabelecendo pontos de intersecção, onde as matrizes se relacionam (ou os indivíduos que as formam). Os jogos abertos e fechados propostos por Gonçalves (2002) estão dispostos no sentido do amadorismo, podendo ser aplicados a algumas práticas.

Esta escala, longe de querer ser uma lógica geral para o futebol como fenômeno, expõe uma realidade específica: a brasileira. E nos permite delimitar melhor o nosso objeto de estudo, sem, entretanto, colocá-lo restrito a limites que na verdade são tênues e flexíveis. Neste sentido, a idéia de escala onde dispomos práticas consolidadas na realidade social – ainda que muitas vezes identificadas de maneiras próximas ou diferentes de local para local – indica um sem número possível de figurações que se realizam entre estas práticas. Desta forma, entre o futebol amador e a pelada, existe um sem número de figurações que se

formam a partir das relações entre os indivíduos e que variam de acordo com fatores diversos.

Mas, de forma geral, o que representam estes futebóis que estamos delimitando aqui como formações reconhecidas socialmente? Vamos defini-los a partir das relações que se estabelecem, do ponto de vista de quem joga:

- Futebol profissional – figuração social onde se estabelecem predominantemente relações formais de trabalho, prevalece o sentido do profissionalismo e sua forma de organização segue as normas previamente estabelecidas[1]. Ex. Sport Clube do Recife.
- Futebol semiprofissional – figuração social onde se estabelecem predominantemente relações formais de trabalho, mas com aqueles indivíduos que não atingiram o grau ou faixa etária necessária para participar do futebol profissional; prevalece o sentido do profissionalismo e sua forma de organização segue as normas previamente estabelecidas (regras da FIFA). Ex. Categoria Juniores da divisão de base do Náutico.
- Futebol Amador – figuração social onde se estabelecem predominantemente relações de parceria, onde pode haver relações informais de trabalho e coexistem em graus próximos os sentidos do profissionalismo e do amadorismo. Sua forma de organização segue as normas previamente estabelecidas de forma adaptada. Ex. Barcelona F. C. (Barcelona do Jordão), Grêmio Recreativo Real (Real da Mustardinha).
- Pelada – figuração social onde se estabelecem predominantemente relações de parceria e/ou amizade, onde prevalece o sentido do amadorismo. Sua forma de organização segue apenas as normas previamente estabelecidas para realização do jogo, ainda assim podendo adaptá-las. Ex. Pelada da Amizade (Macaxeira).

É importante destacar aqui que as figurações tratadas até o momento, consistem naquelas que possuem um tempo de duração mais longo e com isso uma velocidade de mudança mais lenta, podendo variar de acordo com a realidade de cada figuração, mas

[1] Referimo-nos aqui às regras da FIFA, as quais estabelecem as normas para o jogo e sua realização.

guiando-se por formas de organização com padrões delimitados, que podem ser mais rígidos ou mais flexíveis. Assim, por último vale destacar o futebol de rua que possui um tempo de duração curto e uma forma de organização fluida.

- Futebol de Rua – figuração social onde se estabelecem predominantemente relações de parceria e/ou amizade, prevalece o sentido do amadorismo e sua forma de organização é muito distante das regras estabelecidas, podendo manter apenas o mínimo para ser caracterizada como futebol.

***Os Futebóis Amadores Recifenses***

Historicamente, o futebol amador recifense tem como seu ancestral mais próximo o futebol suburbano. Num tempo em que todo o futebol era amador, a sua divisão preponderante estava relacionada a critérios de *status* social. Da Liga Sportiva Pernambucana (LSP), criada em 1915 – mais tarde Liga Pernambucana de Desportos Terrestres (LPDT) -, só poderiam participar os times formados por indivíduos das elites ou que fossem aceitos por eles. Paralelamente, com a popularização do futebol, nos subúrbios da cidade do Recife, outros grupos se formavam culminando na criação da Associação Suburbana de Desportos Terrestres (ASDT), em 1929. Paralelamente à LPDT, a ASDT realizava seus próprios campeonatos, inclusive sendo um deles considerado o maior do Brasil à época, com 38 clubes. Neste período em especial, quando não existia um futebol profissional, os campeonatos suburbanos roubavam a atenção. Segundo Alves (1978):

> No ano seguinte [à fundação da ASDT], o futebol suburbano cresceu assustadoramente. A tal ponto que os campos da primeira divisão ficavam praticamente vazios, quando, no mesmo dia, se realizava um clássico suburbano. (...) Os jornais foram obrigados a criar uma página dedicada única e exclusivamente ao campeonato da ASDT. Pela força do seu bom futebol e das suas torcidas, alguns clubes terminaram ingressando na primeira divisão (p.150).

Essa incorporação à primeira divisão acontece em um momento já preliminar à profissionalização do futebol. Os suburbanos de destaque passaram a fazer parte do grupo que mais tarde corresponderia ao futebol profissional e os demais permaneceram nos arrabaldes da cidade formando o que hoje temos como futebol amador. A ASDT que tinha

a idéia primeira de ser uma associação autônoma durou pouco tempo, subordinando-se à LPDT tempos depois. Infelizmente, os registros históricos do futebol recifense ainda são esparsos e por isso encontramos apenas algumas menções ao suburbano.

De lá para cá, do futebol suburbano para o futebol amador, com a incorporação da ASDT à LPDT - que mais tarde viria a se tornar a atual Federação Pernambucana de Futebol -, temos alguns relatos de campeonatos de bairro, ou promovidos por jornais e empresas, especificamente para times amadores. Apenas em anos mais recentes teremos notícias da organização de campeonatos pela Federação e pelo Poder Público voltado especificamente para o futebol amador.

Nos dias de hoje, de acordo com a nossa investigação, podemos dizer que a figuração do futebol amador recifense se organiza, num nível macro, a partir de três instâncias: Federação Pernambucana de Futebol (FPF), Prefeitura da Cidade do Recife (PCR) e localmente, nos próprios bairros.

Na primeira instância, a FPF, encontramos um setor específico para o futebol amador, responsável por sua organização na capital e no interior. Na capital, é organizado diretamente pela federação, no interior e região metropolitana, a partir de Ligas Municipais. Este setor está à frente do evento de referência desta instituição para o futebol amador: o Campeonato Futebol Amador da Capital

Na segunda instância, a PCR, o órgão responsável pelo futebol amador – e pela política de esportes de uma forma geral – é a Autarquia Ginásio de Esportes Geraldo Magalhães, conhecido como Geraldão. Nele encontramos a Diretoria de Esporte Amador, que é subdividida em duas gerências: a gerência de Atividades Sistemáticas e a gerência de Esporte Comunitário. Esta última conta com três coordenadores e onze agentes de mobilização e articulação, sendo eles os responsáveis pela organização do evento que é referência para o futebol amador neste órgão: o Campeonato Futebol Participativo[2].

[2] Este campeonato consiste num projeto do governo municipal da gestão do Prefeito João Paulo (2001 – 2008). Segundo os relatos, em governos anteriores existiu um campeonato chamado Peladão, de muito destaque na cidade. Muitos dos nossos entrevistados consideram este campeonato semelhante ao Futebol

Na terceira instância, os próprios bairros, a organização fica a cargo dos próprios clubes e equipes ou de lideranças esportivas. São organizados torneios e campeonatos, com rateamento dos custos pela arbitragem e outras despesas entre as equipes participantes. Segundo os relatos, não há uma periodicidade desses campeonatos, e sim bairros que tradicionalmente os realizam, tais como: Torre, Ibura, Casa Amarela e Macaxeira.

Nos grupos pesquisados no desenvolvimento da dissertação, encontramos características que nos possibilitam agrupá-los em torno de duas figurações principais, as quais denominaremos: clube e time organizado.

- Os clubes

Os clubes são figurações que pela sua constituição histórica levam um pouco mais de tempo para sofrer alterações, geralmente possuindo uma estrutura física diferenciada, com sede e campos próprios. Dentro da escala que apresentamos anteriormente, eles estariam situados nas proximidades do profissionalismo. Sua organização se inspira nos clubes futebolísticos tradicionais, tanto no aspecto administrativo (registro em cartório, estatuto, eleição de um corpo de dirigentes, associados, estrutura física), quanto no aspecto social (distância entre o corpo de dirigentes e o corpo de jogadores e torcedores). Apesar da diferença ser gritante se pensarmos nos clubes profissionais mais desenvolvidos, ela diminui diante dos clubes de segunda divisão. Baseada num certo *status* que permeia a idéia do clube, alguns grupos se mantém porque são considerados tradicionais, ou "clubes de tradição". A referência do clube é respalda pelo seu tempo de existência e o número de vitórias acumulado durante este percurso. Assim, mesmo não participando das principais competições do time adulto – considerada, ainda, a categoria principal – sua imagem de clube de tradição se mantém pela sua história e pelas relações que estabelece no *campo* futebolístico[3].

---

Participativo. Não encontramos, entretanto, um estudo sistematizado que pudesse nos apontar as diferenças e semelhanças entre esses campeonatos.

[3] Não utilizaremos aqui a idéia de *campo* futebolístico amador, devido a poucas informações da realidade que indiquem o grau de autonomia necessário para considerarmos como *campo*, no entendimento bourdesiano do termo.

0064 - Joanna Lessa Fontes Silva

- Os times organizados

Os times organizados são figurações mais flexíveis e mutáveis. Dentro daquela escala apresentada antes, eles estariam situados nas proximidades da pelada, no centro do amadorismo, no extremo direito dos jogos fechados. Sua organização distancia-se dos clubes propriamente ditos, mas sua organização na área futebolística seja seu ponto de destaque (padronização, organização do time, participação em competições). No aspecto administrativo (registro em cartório, estatuto, eleição de um corpo de dirigentes, associados, estrutura física) tem pouco capital acumulado; no aspecto social, caracteriza-se pela proximidade maior entre jogadores, dirigentes (ou por vezes o "treinador" ou o "responsável" pelo time) e torcedores. Em geral, são grupos novos, que não dispõem de estrutura física própria como campo e sede – esta por vezes na casa de um dos componentes, em bares de amigos -, mas que mantém um certo *status* pelo seu desenvolvimento em campo, presença e vitória nas competições. Mantém proximidade da pelada, mas sua distinção reside no padrão de organização da equipe, que é mais rígido e aproximado dos clubes e seu envolvimento permanente em competições.

Estas duas figurações se misturam na realidade social, formando os diversos grupos de indivíduos do futebol amador. Elas devem ser consideradas a partir da mutabilidade, propriedade característica das figurações sociais, como afirma Elias (2005). Sendo assim, os dois consistem em variações de grupos organizados para a prática do futebol amador e sua maior ou menor presença na realidade social está ligada às condições histórico-sociais. Os clubes como figurações mais ligadas ao passado e os times organizados como figurações mais ligadas ao presente.

Do que se trata aqui é percebermos a diversidade que está presente sob a expressão "futebol amador", seja quando nos referimos a tudo o que não é profissional, mas principalmente ao futebol amador destacado neste trabalho que se situa num setor intermediário entre as práticas amadoras e profissionais. Nesse limite onde "amadores" e "profissionais" se encontram podemos perceber como as *figurações sociais* futebolísticas instituídas são variáveis e, por isso, requerem análises multidimensionais para buscarmos nos aproximar o mais que pudermos do que existe na realidade social.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALVES, G. **História do futebol em Pernambuco**. Recife, Secretaria de Educação e Cultura, 1978.

BARRETO, T. V. ; MORAIS, J. V. Estudos sobre futebol no Brasil. **Diário de Pernambuco**, Recife, 05 set. 2008.

BOURDIEU, P. Programa Para uma Sociologia dos Esportes. In: BOURDIEU, P. **Coisas Ditas.** São Paulo: Brasiliense, 1990a, p.207-220.

DAMO, A. S. **Do dom à profissão:** formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Aderaldo &Rothschild Ed., Anpocs, 2007.

_____. Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro. **Movimento.** Porto Alegre, v.9, n.2, p.129-156, 2003.

ELIAS, N. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. **Introdução à Sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2005.

_____. **Escritos & Ensaios 1:** Estado, processo, opinião pública. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1985.

GALLEGO CAMPOS, Fernando Rosseto. **Uma Geografia do Futebol Amador** - Espaços de Representação do Futebol Amazonense a partir do Peladão. 2009. Tese (Doutorado em Geografia) – Setor de Ciências da Terra, UFPR, Curitiba, 2009.

GONÇALVES, A.M. A. **Futebol Amador:** Campo Emergente de Sociabilidade. 2002. 104f.. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Regional do Cariri, UFC, Fortaleza, CE, 2002.

PIMENTA, R. D. **Desvendando o jogo**: o Futebol de Várzea e a "Pelada" na Cidade e no Sertão. 2007. Tese (Doutorado em Sociologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFPE, Recife, 2009.